



## **Sobre as artes da resistência do campesinato do Sertão do São Francisco na Bahia: breve ensaio de sociologia política**

*About the arts of resistance of the peasants from Sertão do São Francisco, Bahia, Brasil: brief essay on political sociology*

MONTEIRO, Denis<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Agrônomo, secretário executivo da Articulação Nacional de Agroecologia, doutorando na UFRRJ – denisagroecologia@gmail.com

### **Eixo temático: Cultura popular, arte e agroecologia**

**Resumo:** O ensaio aborda estratégias de mobilização de comunidades camponesas do Sertão do São Francisco, Bahia. A coesão no discurso oculto e costumes em comum são acionados para o fortalecimento de identidades e resistências. Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram espaços de realização dos discursos ocultos e contribuíram para que se tornassem públicos. Sindicatos, CEBs, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Organizações Não Governamentais atuaram como pontes entre as comunidades, na reflexão sobre problemas vivenciados e para desvelar mecanismos de exploração, contribuindo para a construção de uma vontade coletiva. Na redemocratização, foi feito um trabalho de enquadramento interpretativo, com a noção de convivência com o semiárido, formulada pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), em oposição à lógica de combate à seca, o que fortaleceu a mobilização das comunidades e resultou na conquista de políticas públicas.

**Palavras-chave:** agricultura familiar; comunidades tradicionais; fundo de pasto; discurso oculto; organizações não governamentais.

**Keywords:** Family farming; traditional communities; pastures for communal use; hidden transcripts; non governmental organizations.

### **Introdução**

“Nosso jeito de viver no sertão”. É o lema do movimento social das comunidades tradicionais de fundo e fecho de pasto, presentes em vastas porções do estado da Bahia, no domínio dos cerrados e das caatingas. Este ensaio tem como referência empírica comunidades camponesas de fundo de pasto no território do Sertão do São Francisco, onde se localizam municípios como Juazeiro, Canudos, Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado, semiárido brasileiro, domínio do bioma caatinga. Para a compreensão de suas estratégias de mobilização e das organizações que as assessoram, são mobilizadas categorias analíticas propostas por Scott, Gramsci, Thompson, Snow e Benford, e Tarrow.

### **Metodologia**

A ideia do ensaio surgiu de estudo teórico da disciplina de sociologia política da UFRRJ coordenada pela professora Leonilde Medeiros. A partir de visitas que tive oportunidade de fazer a comunidades do Sertão do Francisco nos anos de 1999, 2014, 2015 e 2019, e do estudo de documentários em vídeo (CORAGEM É UM DOM, 2015; CONVIVER, 2017), foram selecionadas categorias analíticas proposta



por autores estudados na disciplina para contribuir na compreensão das estratégias de mobilização das comunidades.

## Resultados e discussão

É conhecida, no campo progressista, a atuação de vários movimentos sociais nesta região, dentre as quais: Comissão Pastoral da Terra (CPT), sindicatos de trabalhadores rurais, uma articulação regional das comunidades de fundo de pasto, Associação de Advogados/as de Trabalhadores/as Rurais (AATR/Bahia), cooperativas que comercializam a produção das comunidades e diversas organizações não governamentais (ONGs), dentre as quais o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), com sede em Juazeiro, e o Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP), que tem escritório regional em Remanso. As ONGs orientam o seu trabalho junto às comunidades camponesas pelos princípios da educação popular e da agroecologia.

O território em questão foi palco da experiência de Canudos no final do século XIX, comunidade reprimida e destruída pelo exército brasileiro. A emergência de um movimento deste tipo é indicativo da existência de relações de extrema subordinação dos trabalhadores rurais em relação aos proprietários das terras e da forte presença, entre os subordinados, do que Scott (2000) chama de discurso oculto. Segundo o autor:

*Un individuo que es ofendido puede elaborar una fantasía personal de venganza y enfrentamiento, pero cuando el insulto no es sino una variante de las ofensas que sufre sistemáticamente toda una raza, una clase o una capa social, entonces la fantasía se puede convertir en un producto cultural colectivo. No importa qué forma toma (una parodia fuera del escenario, sueños de venganza violenta, visiones milenaristas de un mundo invertido): este discurso oculto colectivo es esencial en cualquier imagen dinámica de las relaciones de poder (Scott, 2000. p. 32).*

Outro indício da importância dos espaços do discurso oculto é a forte presença, nos sertões nordestinos, da literatura de cordel, com seus personagens que ilustram a coragem e a resistência do povo sertanejo frente às adversidades e as sátiras que mostram a esperteza e atos que ludibriavam o poder como formas de sobreviver a privações extremas.

Muitas comunidades camponesas da região apresentam características enunciadas por Scott para situações em que há grande coesão no discurso oculto: elevada homogeneidade nos padrões de dominação e exploração, o que é o caso do coronelismo; isolamento geográfico; condições materiais muito semelhantes entre os subordinados, com baixa diferenciação social, o que é comum até mesmo por compartilharem o mesmo ofício; baixa mobilidade. São características que reforçam laços de reciprocidade configurando, entre camponeses pobres, nos termos de Thompson (1998), a economia moral.



As abordagens de Scott e Thompson ajudam a compreender as raízes e a densidade do lema das comunidades tradicionais de fundo de pasto: “Nosso jeito de viver no sertão”, que traz implícita uma negação de outros modos de viver, revela forte componente identitário e remete à perspectiva de Thompson da reivindicação dos “costumes em comum” como forma de resistência das comunidades onde predominam economias de reciprocidade frente às ameaças de novas normas que tentam se impor através do Estado, e que não respeitam os direitos tradicionais aos territórios, em favor da concessão destes às classes dominantes com base no argumento da necessidade de expandir trocas mercantis capitalistas. Além do risco de privações extremas, como a fome, a perda do território é também uma ameaça à cultura popular, sejam manifestações religiosas, festas, interações cotidianas sobre cultivos e criações e outras formas de convivência vividas tão intensamente nas comunidades. A defesa dos costumes em comum, segundo Thompson, pode ser rebelde.

A seca de 1979 a 1983 no semiárido brasileiro, nos últimos anos da ditadura militar, foi uma tragédia humanitária de grandes proporções, fala-se em mais de 1 milhão de mortes, principalmente crianças em decorrência de desnutrição e falta de água de qualidade (CPT, CEPAC, IBASE, s/d). Esta tragédia nos remete à ideia do papel protetor da democracia reivindicado por Amartya Sen, justamente quando estuda as fomes coletivas em diversas partes do mundo (Sen, 2010). Na ocasião, aconteceram saques de alimentos no comércio. As abordagens de Thompson e Scott permitem ver estes eventos não como espasmos, mas como resultado de processos organizativos subterrâneos ou, nos termos de Scott, resultados visíveis de espaços de realização do discurso oculto.

Um destes espaços privilegiados para o discurso oculto dos subordinados, neste território com forte presença do catolicismo popular, foram as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, orientadas pelo método “ver, julgar e agir” e tendo como referência passagens bíblicas. Os anos 1970 foram exatamente os de maior capilaridade da Teologia da Libertação na América Latina. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) foi fundada em 1975. A compreensão das CEBs como espaço do discurso oculto é reforçada por trabalhos como os de STEIL e CARVALHO (2007) que mostram como centros de assessoria vinculados à Igreja Católica escapavam aos controles do aparato repressivo do Estado durante a ditadura militar. Por outro lado, este fato fez com que os seus membros cumprissem o papel de tornar público, em espaços de maior visibilidade, o discurso oculto dos subordinados.

É possível analisar a Teologia da Libertação a partir do enfoque gramsciano da relação dos intelectuais com as massas. Ao analisar as superestruturas às quais atribui papel predominante na luta de classes, Gramsci destaca o poder das palavras e da religião para a consolidação da ideologia da classe dominante junto às classes subalternas. Para ele, nas massas, a filosofia é vivida como uma fé, que faz com que as classes subalternas adotem uma visão fatalista, resignada com as suas condições materiais porque “Deus assim o quer” ou compreendendo as conquistas



materiais como graça divina, e um comportamento disciplinado e passivo frente aos mecanismos de dominação. Gramsci assume que construções arbitrárias são eliminadas pela competição histórica, o que torna duráveis as relações de exploração e subordinação é a adesão do proletariado à ideologia da burguesia. Portanto, a atuação na superestrutura é determinante para a ação. Os intelectuais têm o papel de desvelar mecanismos de exploração em contato com a massa, ajudá-la a refletir sobre problemas vivenciados e formular conceitos. E assim ir construindo uma vontade coletiva, que só se constrói na ação política, a partir da consciência da classe que faz parte de uma força hegemônica. Estes intelectuais fazem o que STEIL e CARVALHO (2007) chamam de “trabalho de formiguinha”. Para Gramsci, a ação de classe implica em mudança cultural, que acontece a partir da ação política que une teoria e prática, intelectuais e pessoas simples. A ação da classe não está determinada pela estrutura de classes da sociedade, mas se dá quando há coerência lógica na ação dos intelectuais das organizações da classe trabalhadora, reconhecimento da autoridade por parte das massas, e se avança em processos organizativos, quando se constrói um bloco histórico contra-hegemônico. As CEBs tiveram um papel importante na renovação do movimento sindical na redemocratização dos anos 1980, tendo contribuído para a eleição de direções dos sindicatos de trabalhadores rurais identificados com seus princípios e métodos. Nos termos de Scott, lideranças das CEBs e dos sindicatos exerceram papel importante de transmissores dos discursos ocultos dos subordinados, sua mobilidade fez com que atuassem como pontes entre as comunidades.

Nos anos 80 e 90, tiveram papel decisivo para as formas de ação coletiva as Organizações Não Governamentais (ONGs), dentre as quais IRPAA e SASOP. Ambas desenvolveram trabalhos com as CEBs e a CPT. As ONGs contribuíram para a dinamização de espaços já existentes e para criação de novos espaços de encontros entre as comunidades subordinadas, promovendo maior coesão nos “discursos ocultos” e assessorando-as na busca por maior autonomia frente aos mercados capitalistas e por soluções para recuperação dos recursos naturais, uma vez que propunham alternativas às tecnologias da Revolução Verde.

## **Conclusões**

ONGs, sindicatos, CEBs, padres, leigos, movimentos sociais conformaram, na democratização, redes mais amplas que passaram a organizar ações públicas direcionadas ao Estado. A teoria do confronto político de Tarrow e colaboradores pode ajudar na compreensão destas ações. A ocupação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1993, que reivindicava ações para o desenvolvimento das comunidades e questionava as políticas de combate à seca que beneficiavam grandes fazendeiros, foi possível graças às oportunidades políticas abertas com a democratização, a realização de conferências das Nações Unidas no Brasil (sobre meio ambiente em 1992 e sobre desertificação em 1993), e um trabalho, ainda incipiente, de enquadramento interpretativo (*framing*) (Snow e Benford, 2000), que então era sintetizado na crítica à lógica de combate à seca. Estas mobilizações foram possíveis pela interação dos movimentos sociais de base



camponesa com cidadãos mais influentes, como padres e bispos da Igreja Católica e quadros das ONGs.

O crescimento das redes deu origem à Articulação Semiárido (ASA), que tem 1999 como marco fundador. A noção de Convivência com o Semiárido pode ser compreendida como um trabalho muito bem sucedido de enquadramento interpretativo. É noção amplamente reconhecida, com repercussões na relação entre a sociedade civil e governos federais desde final dos anos 1990, no desenho de políticas públicas de convivência com o semiárido, sendo o Programa Um Milhão de Cisternas o mais conhecido. Dentre as muitas inovações nas comunidades de fundo de pasto, hoje disseminadas no território graças ao apoio de políticas públicas, destacam-se a construção das cisternas para armazenar água de beber e cozinhar; cisternas-calçadão e de enxurrada, que permitem irrigar hortas em canteiros telados nos quintais; bem como práticas de cultivo e armazenamento de forrageiras como palma, leucena, capim búfel e gliricídia, além da apicultura na caatinga dos fundos de pasto. A ASA, a partir dos anos 2000, aproveitou estruturas de oportunidades políticas abertas com a democratização do Estado, contribuindo para fortalecer a economia moral dos jeitos de viver no sertão das comunidades camponesas.

### Referências bibliográficas

CARVALHO, T. **Conviver**. Direção: Rio de Janeiro: Canal Saúde Fiocruz / Articulação Nacional de Agroecologia, 2017. 27min. <https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/conviver-CAE-0017> Acesso em: janeiro de 2019.

CARVALHO, T. **Coragem é um dom**. Direção: Rio de Janeiro: Canal Saúde Fiocruz / Articulação Nacional de Agroecologia, 2015. 14 min. Disponível em: [https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/sementes-e-historia-coragem-e-um-dom-CAE-00\\_04](https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/sementes-e-historia-coragem-e-um-dom-CAE-00_04) Acesso em: janeiro de 2019.

CPT, CEPAC, IBASE. **O Genocídio do Nordeste 1979-1983**. São Paulo: Ed. Mandacaru. s/d

GRAMSCI, A. Breves notas sobre a política de Maquiavel. In: Coutinho, C.N.; Nogueira, M.A; Henriques, L.S. (orgs) **Cadernos do Cárcere, vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, A. Alguns pontos de referência preliminares. In: Coutinho, C.N.; Nogueira, M.A; Henriques, L.S. (orgs) **Cadernos do Cárcere, vol. 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SCOTT, J. **Los dominados y el arte de la resistencia: discursos ocultos**. Cidade do México: Ed. Era, 2000.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SNOW, D; BENFORD, R. **Framing processes and social movements**: an overview and assessment. *American Review of Sociology*, 2000, 26, 611-639.

STEIL, C.; CARVALHO, I.C.M. **ONGs**: itinerários políticos e identitários. En publicacion: *Cultura y Neoliberalismo*. Grimson, A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Julio 2007.

TARROW, S. **Poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, Vozes, 2009.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.